

# Mountain

voices

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXIII | #140 | nov/dez 2014



**Highline**

**Serra da Capivara - PI**

**Escalada tradicional**

**Chamonix - França**

**Técnica**

**Rapel em cordas danificadas**





E dentro deste evento, que já se solidificou na cidade de São Paulo, a escalada conseguiu, por meio da empresa Red Bull e Gazeta Esportiva (na Av. Paulista), proporcionar um evento único e que realizou o desejo ou de vários escaladores que sempre que em contato com esta fachada se imaginavam subindo por suas letras ou dentro de um evento esportivo.

Pois bem, para se realizar um evento esportivo, os requisitos mínimos são: atletas (de preferência os mais renomados ou todos se possível) e empresa com um projeto e equipe que seja compatível e alinhado com os interesses do esporte/empresa. Sem uma destas partes, o evento se anula, simplesmente não acontece, ou se torna desinteressante para uma das partes.

E foi um prazer fazer parte de um evento onde fui um dos co-autores do projeto inicial, mas no fim, como um dos atletas convidados, e como todos os eventos que a Red Bull se propõe a realizar são de aspecto revolucionários e inovadores, este da Gazeta não poderia ser diferente. Porém, para viabilidade da "competição" assim denominada, regras e adaptações das provas de escalada foram reformuladas para atender as linhas ali propostas e, a mais importante de todas, foi sobre "incidente técnico", o qual não haveria nesta prova por se tratar de uma parede de concreto que poderia quebrar em alguns trechos, ou as agarras fixadas para viabilizar a escalada poderiam se quebrar ou descolar, sendo esses termos previamente redigidos em um regulamento oficial da prova, (vide foto) e extremamente salientados no briefing com os atletas antes da prova e onde todos sem exceção estavam conscientes e concordaram em 100 % de aprovação, sem nenhum questionamento. As classificatórias aconteceram normalmente sem nenhum incidente e tudo correu perfeito. Os resultados dos quatro escaladores que passaram para a final foram os tops nas duas linhas propostas, e ali já se notava claramente que uma vantagem na estatura faria toda a diferença nos resultados pelo cronômetro, em caso de empate. Até aí tudo bem, mesmo com meus 1,68 de altura e particularidades da parede. Já na final, fui o primeiro a escalar, a motivação e o carinho do público presente me deram uma dose extra de energia para lutar com uma via de movimentos longos e difi-

ceis, e após alguns minutos, estava em pé no topo da Gazeta comemorando muito só de ter conseguido chegar até o fim. O escalador Rafael Passos entra em seguida e cai nos primeiros trechos duros da via, até ali um pódio já me enchera de alegria por um terceiro lugar, depois Jean Ouriques também cai, e sem conseguir ver o que aconteceu, (a agarra se soltara), continuo a comemorar no topo do prédio, e eis que o último escalador, Dione, de Rio Grande do Sul, também cai no mesmo trecho do Jean. Neste momento, sem saber o porquê da queda, afinal os juizes o colocaram para escalar mesmo sem a agarra, ou seja, até este ponto o regulamento é vigente, mas independente disso, e salvo pelo regulamento, mal posso acreditar que estava com o primeiro lugar nas mãos e uma alegria geral me toma conta, afinal, fazia muitos anos que saí de cena como competidor e passei a ajudar na montagem das linhas para contribuir de alguma forma com a escalada. E ganhar em plena Avenida Paulista, com tanta gente que fazia muitos anos que não via e estarem ali torcendo para o "título escalador" fecharia com chave de ouro aquele sábado.

Mas aí a reviravolta acontece quando os organizadores da prova se reúnem com os finalistas e apresentam uma nova linha para a final, pois a agarra se soltara da parede e a alegação de não ser "justos" para os dois últimos competidores se coloca presente, neste momento levanto a questão do regulamento e do tão observado "incidente técnico" no briefing, onde todos os atletas ali presentes "não" rebatem tal argumento por estarem cientes do caso, mas a direção de prova não aceita meus argumentos, e define por realizar outra final, insisto mais de uma vez com os juizes e organizadores, mas não sou ouvido, a "injustiça" de um passa para as costas de outro, no caso "EU", e o resultado passou de primeiro para quarto lugar, sem ao menos um lugar ao pódio, e um agradecimento como "campeão moral", que convenhamos, dentro de uma postura profissional, em respeito a empresa Red Bull e aos organizadores, foi a minha humilde forma encontrada para não os deixar na mão e ficar feio para os organizadores do evento. O que se seguiu foi ser obrigado a entrar em uma escalada onde eu estava completamente exausto pela primeira via final "inteira"

Texto: André Berezoski  
Imagem: Eriçke Fusiki

## Virada Esportiva ou Reviravolta Esportiva?

Aconteceu no último dia 20 de setembro de 2014 mais uma edição da Virada Esportiva, evento que reúne várias modalidades do âmbito esportivo seja através de competições ou reuniões de grupos de diversas modalidades de esportes variados.

(os outros escalaram ¼ da via) e já com a certeza da impossibilidade de vencer em outra via caracterizada só pelo tempo (onde os mais altos já haviam comprovado a vantagem) e não mais pela dificuldade, movimentos delicados, resistência e administração. Definitivamente, nada contra nenhum dos outros três finalistas, muito pelo contrário, somos todos excelentes amigos e todos concordaram com os termos desta prova, antes e durante o ocorrido, se acontecesse de uma agarra estourar durante minha escalada, aceitaria as regras e certamente gostaria de uma nova chance, mas o regulamento estava ali para isso, aliás, preferia antes ser derrotado por outros competidores pelo cronômetro, mas onde um ou mais pudessem ter escalado e lutado nesta via maravilhosa que ali se eternizou, do que pela falta de palavra com o regulamento, e onde o corpo de juizes ali presentes (cinco representantes da escalada) não teve poder de arbitrio, a imposição "veio de cima" e ponto final.

Aceito de coração todos os comentários me considerando o campeão original e não oficial da prova, acredito ter feito o meu melhor e o tão esperado "show" que a Red Bull sempre apresenta em seus eventos, acredito eu ter cumprido com minha parte, mas

me considero extremamente desconfortável com o ocorrido e por isso de todas estas alegações acima.

Obviamente como um profissional da escalada, os prêmios ajudam em muito para quem sobrevive da escalada, o título, vai para o currículo como mais um dos 150 campeonatos participados, o troféu, este eu sempre tenho um carinho extra, pois ele eterniza uma conquista e iria para a estante junto aos outros que guardo com muito zelo, mas deixar todos estes itens escaparem das mãos por não bater o pé em relação a um regulamento oficial ou até mesmo me negar de participar de outra final que não a original, esta sim, acredito que teria sido uma atitude mais profissional ainda de minha parte para que estas coisas parem de acontecer dentro das provas de escalada, já deixei um título pan-americano escapar pelo simples fato de não me posicionar e ir atrás dos meus direitos. Este texto não traz de volta o que se finalizou naquele pódio "oficial", mas traz pelo menos um esclarecimento que devo junto a todos que me acompanharam e torceram naquele dia debaixo de chuva e que no fim não entenderam nada do que aconteceu.

André "Belé" Berezoski, apoio: Conquista Montanhismo, 4Climb, Five Ten.

dois em dois.  
d. Após o término de sua escalada, eles trocarão de via e o atleta que subiu a A subirá a B, e vice-versa.  
e. Será considerada a somatória da distância-pontuação alcançada nas duas vias para classificação. A pontuação está diretamente ligada a altura atingida.  
e.f. O tempo limite de escalada é de 8m para as vias eliminatórias e de 10m para a via final.  
f.g. Na fase Final, haverá uma via mais longa e de maior dificuldade.  
g.h. Os atletas escalarão esta via isoladamente.  
h.i. Caso haja empate na distância, o tempo será usado para desempate.  
i.j. Não haverá incidentes técnicos.  
k. Caso o atleta caia por agarra quebrada ou partes do muro quebradas, este será o resultado final.



Texto: Mario Nery

# Diminua o tamanho da sua mochila Acampando com redes

Na última matéria que eu escrevi aqui para o Mountain Voices (edição 139) eu falei sobre a redução de peso nas caminhadas. Naquele artigo um dos pontos citados para ajudar nesta redução foi a troca da barraca por uma rede.

Acampar com rede afeta realmente o volume e o peso final da sua mochila, já que a barraca é deixada de lado, porém, usar uma rede requer uma série de fatores e cuidados diferentes daqueles que estamos acostumados quando usamos uma barraca – e nem sempre a rede se adapta em todas as situações. Essa cultura da rede é vista largamente em algumas regiões do nosso país, como no Norte e Nordeste, onde dormir em rede é uma coisa comum desde criança. Claro que a rede que eu me refiro aqui neste artigo é bem diferente daquelas redes tradicionais que vemos por aí nas casas. A rede para camping é feita de material sintético - leve, com secagem bem mais rápida e muito resistente – alguns modelos chegam a suportar 150kg de peso. Mas quando usar uma rede?

Trocar a barraca pela rede pede atenção em algumas coisas e também um período de experimentação até que você vá se ajustando ao seu novo abrigo. Veja algumas diferenças básicas ao optar por uma rede:

- nem sempre é possível usar uma rede. Muitos locais não possuem vegetação ou mesmo pontos de apoio em rochas para fixarmos a rede e o toldo. Isso lhe obriga a buscar informações sobre os pontos de camping que você usará antes mesmo de sair de casa;

- a rede te deixa um pouco mais exposto do que a barraca. Por mais que você conte com um toldo e um mosquiteiro a rede ainda assim lhe deixará mais exposto ao vento e ao frio do que uma barraca;

- a chuva pode ser outro fator chato. O toldo deve ser posicionado de maneira diferente em situações de chuva e de sol, bem como em locais mais frios e com mais vento. Em alguns casos os seus itens mais volumosos podem ficar fora da cobertura do toldo – normalmente pendurados nas árvores. Por isso mesmo o uso de sacos estanque e da capa de chuva da mochila se torna fundamental para proteger seus equipamentos da umidade.

Olhando essas recomendações fica bem fácil de notar que a rede é uma ótima pedida para

altitudes baixas onde encontramos muito mais árvores que podem servir como apoio natural. Quanto mais subimos mais a vegetação de grande porte se reduz, tornando o uso da rede mais complicado ou mesmo impossível. Locais mais frios ou com possibilidades de grandes chuvas podem fazer você preferir uma barraca.

**Algumas dicas ao usar uma rede**  
Existem redes com o mosquiteiro acoplado e sem o mosquiteiro (neste caso ele é vendido separadamente). Uma coisa é certa: o mosquiteiro é uma peça muito importante para lhe garantir uma boa noite de sono e lhe manter afastado de muitos insetos. Portanto leve em conta isso ao escolher uma rede ou ao menos compre um mosquiteiro posteriormente.

Na maioria dos casos o toldo é vendido à parte. O toldo é um item fundamental, pois irá lhe proteger do sol, chuva, vento e sereno. Você pode até mesmo improvisar e usar um toldo diferente daquele que é o indicado para a sua rede, neste caso escolha um toldo que cubra a sua rede com folga, tanto no comprimento quanto na altura. Um toldo um pouco maior que a sua rede facilita a sua vida nos dias de chuva e lhe permite pendurar a mochila e outros equipamentos no cordelete usado para sustenta-lo ou até nas fitas de fixação da rede – assim você consegue tirar seus objetos da chuva. Você pode fixar as pontas do toldo amarrando os tirantes em pedras achadas no local, porém o melhor é levar alguns esportes de barraca e usá-los para isso. Se for possível prefira os esportes mais leves e com formato hexagonal ou em V, eles costumam ser bem mais fortes e alguns modelos não pesam tanto. Caso o local não permita o uso dos esportes apele para as pedras ou outras opções de fixação ao redor. O toldo pode ficar mais aberto ou mais fechado. Com ele mais aberto você tem uma circulação de ar muito melhor (o que é bom nos dias

quentes), já com ele mais fechado é possível se proteger melhor da chuva e do vento. Então mude a abertura do seu toldo de acordo com o tempo.

A rede pode ser fixada nas árvores com pedaços de fita tubular (ou cordeles) e dois mosquiteiros – assim você ganha uma certa flexibilidade na distância entre os pontos de apoio que usará. Lembre-se: evite levar pedaços curtos de fita ou de cordelete e acabar ficando na mão quando só encontrar algum apoio mais distante ou mais largo. Leve pedaços com 2 ou 3 metros de comprimento. Também já vi redes presas em rochas usando peças móveis de escalada – uma opção bem interessante para alguns casos.

Quando montamos uma barraca evitamos terrenos inclinados já que fica chato dormir numa situação assim. Com a rede é a mesma coisa, nivele a altura das amarrações da sua rede, evitando que ela fique mais alta de um lado e mais baixa no outro. Seu corpo agradecerá!

Não abra mão do seu isolante térmico, por mais tentador que isso possa parecer. Ao deixar de usar um isolante térmico você irá perder mais calor e sentirá frio. O mesmo vale para o seu saco de dormir.

## Conclusão

Acampar com uma rede pode ser uma experiência muito agradável ou muito desastrosa, tudo dependerá de como você planejou os detalhes antes. Por isso mesmo a minha recomendação é que você faça testes antes de sair pra valer. Teste a estrutura completa, ou seja, não se limite a montar a rede e o toldo, leve também sua mochila e seus equipamentos e simule a organização deles em dias de sol e também de chuva, com os itens embaixo do toldo ou pendurados nas árvores, com o toldo mais aberto ou mais fechado, etc. Dica extra: neste link você pode conferir um infográfico em PDF criado pelo Lex Blagus e que ilustra muito bem grande parte do que eu citei aqui - <http://goo.gl/QxAvsA> Abraços e bons ventos!

# A criação da Associação Brasileira de Escalada Esportiva

THAIS MAKINO | SP

ABEE foi uma necessidade levada a sério por cinco atletas brasileiros que resolveram dar esse passo realmente grande em prol da escalada esportiva no país.

distintos. Já as Finais contaram com os seis melhores atletas do Festival Pro Masculino e Feminino, sendo que cada categoria escalou uma sequência de três boulders para definir o Ranking Brasileiro.

## Resultados:

Pro Masculino

1. Felipe Camargo (SP)
2. Pedro Raphael Medeiros (DF)
3. Rafael Passos (DF)
4. Jonas Leffek (SC)
5. Guilherme César (GO)
6. Gustavo Fontes (MG)

Pro Feminino

1. Camila Macedo (PR)
2. Patrícia Antunes (MG)
3. Thais Makino (SP)
4. Glaucel Ibraim (RJ)
5. Mara Imbellone (GO)
6. Maíra Vilas Boas (MG)

Junior Masculino

1. Rodrigo Cesar (DF)
2. Yan Kalapothakis (MG)
3. Ian Padilha (PR)
4. Lucas Groenner (MG)
5. Ikan Maia (CE)

Juvenil Masculino

1. Felipe Ho (SP)
2. Matheus Buschle (PR)
3. Vitor Miyazaki (SP)
4. Alex Mendes (MG)
5. Emanuel Siqueira (MG)

Amador Masculino

1. Daniel Carneiro (DF)
2. Davi Fantino da Silva (DF)
3. Renato Salgado (SP)
4. André Carvalho (SP)
5. Gabriel de Oliveira (DF)

Amador Feminino

1. Juliana Nunes (DF)
2. Thalita Barbosa (SP)
3. Carol Machado (DF)
4. Andreia Farias (SP)
5. Janine Falcão (PB)

Sênior Masculino

1. Sérgio de Brito Lima (SP)
2. Goro Shiraiwa (SP)
3. Haroldo Diniz (MG)
4. João Pereira (GO)

Sênior Feminino

1. Mieko Shiraiwa (SP)

Este primeiro evento de alto nível só foi possível graças à contribuição de todos os associados, além de todos os inscritos no evento, organizadores, apoiadores e público presente. É importante também relembrar que para que a Associação cresça e possa realizar o Ranking Brasileiro anualmente e com uma estrutura adequada, além de viabilizar a participação de brasileiros em eventos internacionais, é preciso que os escaladores de todo o país entendam que não é possível fazer milagres. A ABEE quer representar o que todo atleta quer ver em seu esporte: evolução e organização, e isso não depende mais somente dos atletas que se uniram para fundar a ABEE, e sim do apoio que a Associação terá dos escaladores de todo o país daqui para frente. Cada um pode mostrar que se importa através da filiação, com um valor muito pequeno em comparação ao que se pode alcançar com a união de todos os interessados. A ABEE agradece toda a comunidade escaladora pelo voto de confiança depositado no grupo à frente dessa iniciativa, e neste momento principalmente ao Alexandre Linha Paranhos, Lucas Scalco e Rodrigo Aguiar do ginásio UBT Escalada, André Berezoski e Marcelo Balestero como route-setters, Neudson Aquino com toda

a parte visual, site e Facebook da ABEE, Fernando Barrera, Goro Shiraiwa e Mieko Makino durante o evento, Ricardo Leizer com o regulamento e pontuação do Campeonato Brasileiro, além das empresas tão importantes que apoiaram esta etapa e esta nova página da história da escalada no país: a Hard Adventure, que além de ser uma marca de roupas esportivas de altíssima qualidade e 100% nacional, acreditou profundamente no sucesso do evento, se tornando a principal apoiadora do campeonato, a Five Ten Brasil e a La Sportiva Brasil, que dispõem apresentações e além de tudo mostraram a união que o esporte precisa para crescer em harmonia, a Sapo Agarras que também está sempre acreditando e se envolvendo com os eventos de escalada Brasil a fora, e ainda o Rockmasters, que começou como um pequeno grupo de escaladores residentes na cidade de São Paulo e que aos poucos passou a arrecadar dinheiro para a manutenção e abertura de vias e setores de escalada na região de São Bento do Sapucaí – SP através da venda de seus produtos em edições limitadas. Não é à toa que se percebe uma movimentação no Brasil inteiro, com o surgimento de novas associações, clubes, marcas, ginásios, grupos, todos interessados em contribuir para o desenvolvimento da Escalada Esportiva, e também não é coincidência que muitas dessas novidades tenham se unido neste momento tão importante em Brasília. A ABEE convida toda a comunidade a conhecer melhor os propósitos da Associação, seu Estatuto, sua área de Contabilidade e Filiação no site ABEE.NET.BR, e convida também todos os atletas brasileiros para participar da grande festa que será o Campeonato Brasileiro de Dificuldade, no dia 29 de Novembro de 2014 no ginásio Casa de Pedra em São Paulo – SP.

# O Mundial de Escalada e Paraclimbing de 2014

Aconteceu na cidade de Gijon na Espanha, esse ano a IFSC realizou varias mudanças no Paraclimb, para que no futuro a competição seja mais “justa”, claro que toda mudança gera muitos desagrados e todos com que eu tive oportunidade de conversar não aprovaram as mudanças, incluído alguns que se sagraram campeões!



RAPHAEL NISHIMURA | SP

Para facilitar o que aconteceu, voltarei a 2012, lá os atletas foram divididos nas seguintes categorias, deficiente visual, amputados e todas as outras deficiências entraram na categoria deficiente neurologia e mesmo dentro de todas as categorias alguns atletas tinham mais ou menos dificuldades para escalar a IFSC para equilibrar essa diferença utilizou um coeficiente, que funcionou como um multiplicador dos pontos obtidos ou seja maior deficiência, maior coeficiente, formula

essa que também desagradou e agradou alguns atletas, pois mesmo passando por exame medico detalhado não era fácil definir se realmente cada um fez ou não os movimentos que poderiam ou não fazer. Nesse Mundial, a ideia da IFSC foi manter as 3 categorias de 2012 e criar a categoria de cadeirantes, além disso algumas categorias foram subdivididas em A e B, sendo que A atletas com menos deficiência e a B com mais, com essas subdivisões, algumas categorias ficaram com menos de 4 atletas e com isso não entraram no Mundial e foram denominadas como Master, porém ao contrário de 2012, todas as categorias tiveram prêmios em dinheiro e troféu para o campeão! A minha categoria ficou então dividida em neurological PD A com 12 atletas, neurological PD B com 6 atletas e cadeirantes com apenas 1 atleta e o coeficiente foi retirado para todos os atletas, então dessa vez quem fizesse o maior número de pontos seria o campeão, a principio essa é realmente a forma mais justa, mas algumas categorias num futuro com mais atletas deverão sofrer novas quebras pois a diferença entre os atletas em alguns casos ainda é muito grande, apenas para exemplificar,

na categoria amputados de pernas, caso um atleta use prótese e um outro não, não há diferença, eles competem de igual para igual em termos de pontos o mesmo valeu para amputados de membros superiores, caso algum atleta conseguisse parte do braço para escalar e um atleta que não possuísse o braço todo, também não haveria diferença, mesmo todos sabendo que esse “detalhe” faz sim muita diferença! No caso da categoria deficiente neurologica fica muito difícil de fazer essa separação.

Agora vamos a parte boa, dessa vez as 2 qualificações foram no mesmo dia e na parede de dificuldade, o que foi muito mais emocionante! A parede linda, negativa, cheia de módulos e com uma textura bem diferente do que temos por aqui, lá a parede tem uma aderência incrível, diferente do que temos por aqui que só recebem uma camada de tinta, as agarras bem legais também e algumas vias com chorreiras. Diferente de 2012, dessa vez eu estava muito tranquilo e bem menos ansioso, então a escalada fluiu melhor, na primeira via eu certamente conseguiria chegar mais alto, mas peguei errado em agarras abaixo de um modulo e caí, já na segunda via eu caí realmente em um movi-

mento que não conseguiria fazer, também em um modulo e com a mesma agarras, mas de qualquer forma nessas duas vias eu consegui escalar muito mais alto do que em 2012, mas mesmo assim não foi possível classificar para as finais, já que os 3 primeiros fizeram top nas 2 vias! Mas eu estou muito feliz com o meu 4º. Lugar!! Fiz realmente o que estava dentro do meu limite na escalada!

Realmente uma coisa tenho que escrever, assistir os atletas do paraclimb é muito emocionante, é algo incrível e que mexe muito com nossas emoções, ver cada atleta superando a sua deficiência... só de lembrar daqueles dias já da uma vontade enorme de treinar e esperar a próxima competição. Para mim esse mundial teve um sabor de vitória a mais, meu objetivo com o Paraclimbing Brasil era levar mais alguém do Brasil, mas não deu, mas o trabalho não foi em vão, pois a atleta Elvira Quiroz do Chile, que eu conheci durante as palestras que ministrei em dezembro de 2013, foi, competiu e conseguiu o 3º. Lugar!!!!!! Como foi especial ver alguém com a mesma deficiência que a minha escalando lá! Incrível mesmo!



## Experimentando o gelo de CHAMONIX

Texto: Ana Fujita  
Imagem: Eliseu Frechou

Nós, as pessoas que gostamos de estar ao lado da “mãe natureza” já sabemos: dormir uma barraca quase horizontal ou abrigo quase limpo, comer um rango mequetrefe e beber água de qualidade duvidosa são os males que as férias trazem. Esqueça todo esse perrengue ao decidir escalar em Chamonix!

O seu café da manhã pode ser uma baguete espetacular, no lanchinho mande ver um pain au chocolat que parece uma nuvem, tome água limpa das fontes públicas, e depois de se cansar nas montanhas, volte à cidade para tomar um banho decente e dormir no quentinho. Em setembro, Fernando Leal, Eliseu Frechou e eu fomos ver como é ser patrão nos Alpes. Começamos com um planejamento mínimo em casa: avião até Genebra, na Suíça. Ainda no Brasil, compramos um transporte que leva do aeroporto até a cidade de Chamonix, na França. São €39 bem gastos: a van sai na hora combinada e deixa o viajante no endereço escolhido cerca de uma hora depois. Como ainda não tínhamos um roteiro definido, nem sabíamos quais dias ficaríamos nos abrigos de montanha, optamos por alugar um apartamento na cidade para ser nossa base e depósito de equipamentos. Nada de vida de mula, carregando tudo de um canto para outro! Fizemos uma pesquisa no Tripadvisor e acabamos fechando um apê bacana, bem localizado por mais £1630,00, bem gastas. Por último, eu achei por bem colocar a nossa integridade física num seguro. Meio contra a vontade do Eliseu, fiz um seguro de viagem

(worldnomads) que cobre esportes de aventura por cerca de US\$100,00 para cada. Um dedo quebrado pagaria essa extravagância da minha parte, e como não usamos não posso dizer se foi um bom investimento. Dez dias depois que o Eliseu foi com o Fernando, foi a minha vez de embarcar. Chamonix é como se fosse um lugar de 3 andares: no térreo tem a cidade. Lugar lindo, florido, charmoso. Nesse nível conhecemos dois picos de escalada: Gailland (30 min a pé) e Vallorcine (30 min de trem). Gailland é um parque público dentro da cidade: tem um lago, gramado, trailer de lanche. Vimos aulas de crianças, práticas de meditação e turmas aprendendo a vestir a cadeirinha. É um campo escola, com vias de baixa dificuldade e muitos iniciantes. Vallorcine segue a mesma linha. Ouvimos falar de outros setores, mas não eram de fácil acesso, pois precisavam de carro e não tivemos como conhecer. As outras atividades no andar térreo eram na cidade. Aproveitamos para visitar as dezenas de lojas de equipamentos esportivos e comprar botas de gelo usadas e em bom estado para mim, por €50. Pechincha. A bota usada 3 dias já

pagava o valor de alugar pelo mesmo período. Ao fechar as malas, 10 dias depois, deu pra entender porque alguém se desfaz de uma bota em bom estado: o bagulho machuca os pés, pesa e faz volume. Dá vontade de jogar pela janela mesmo. Já tínhamos o resto do equipamento para rocha e o mínimo para gelo (crampons, piquetas, luvas), mas mesmo assim gastamos algumas horas admirando todos os tipos de brinquedos de montanha geladas. A Europa é cara, não dá pra comprar por impulso. Além disso, tomamos cervejas no pub, fomos ao supermercado e eu provei todos os sabores de macaron da confeitaria local. O capítulo comida merece destaque: é caro e bom. Comer um prato simples em um restaurante, ou mesmo um kebab custa quase a mesma coisa que em São Paulo, mas em Euros. No supermercado, a mesma coisa. Cozinhamos muitas vezes em casa, e aproveitamos os itens nos quais a gente levava vantagem na situação: queijos e vinhos. Acima do térreo, no primeiro andar de Chamonix estão as escaladas em rocha e as trilhas. Se o viajante estiver bem disposto, é possível chegar andando ao primeiro andar, mas não espere fazer muita

coisa depois porque é uma caminhada íngreme e longa. Olhando ao redor da cidade, as montanhas verdinhas são retilhadas de trilhas por todos os lados. Estivemos no primeiro andar duas vezes. Em uma delas pegamos o teleférico do Brevent, e após uma caminhada de menos de 30 minutos em uma paisagem deliciosa, iniciamos a Frisson-Roche, uma via de 5 enfiadas em uma rocha linda e toda fendada. O ponto estranho nessa escalada foi o meu primeiro contato com o estilo alpino de fazer amigos: enquanto o Eliseu terminava uma enfiada e montava a base, o guia da dupla que chegou depois de nós saiu escalando. Segundo ele, uma coisa normal. Obviamente não foi tão sussa, a corda dele enroscou na minha mochila e levou a uma pequena discussão. Nada que estragasse o fato de que a via acabava na estação de teleférico, e depois de um lindo dia de passeio, descemos e fomos tomar nosso vinho em casa. Nossa outra experiência no primeiro andar foi uma caminhada, em dia de “descanso”: pegamos o teleférico que vai até Plan de Aiguille (que é a estação intermediária entre Chamonix e Aiguille du Midi) e caminhamos até Montever, outro ponto de teleférico, e de lá

descemos a pé até a cidade. Nessa caminhada encontramos o espírito da cidade: diversas pessoas, das mais variadas idades e estados de conservação, alguns saídos das fraldas e outros praticamente mumificados empunhando bastões e caminhando nas montanhas. Inspirador. Sim, são diversos teleféricos diferentes na região, sendo que uma parte deles só funciona durante a temporada de ski. Por fim, temos o andar mais alto, a cobertura. Nesse aí não dá para chegar de outro modo que não o teleférico. O desnível até Aiguille du Midi é de 2800m, e a chegada é no gelo. Cada pulinho no andar de cima custa perto de €60, e rola um desconto quando o passe é para 2 ou 3 dias. Nas bilheterias é mostrada a cada dia a previsão do tempo por períodos (manhã, tarde e noite) e a informação é de confiança. Por 2 vezes fomos até a entrada da estação como todo o equipamento, e daquelas telas dependia o plano do dia, subir ou não. Na primeira vez que eu subi, o Eliseu falou “Quando chegar, você vai sentir um tã”. Fiquei esperando para entender o que é um “tã”. O pingente da montanha chegou no alto e o que eu senti foi uma lágrima escorrendo involuntária. Lugar mais lindo, neve mais branca, céu mais azul! Mas acho que ele falava de outra coisa: fomos nos equipar, e senti uma pressão que parecia um pé pisando no meu peito, o corpo ruim. Não dava nem vontade de falar, tremia dos pés até o último fio da touca, a cabeça vazia, não tinha como sorrir, medo puro.

Sai andando obediente, em direção à crista que dá acesso ao vale, no maior esforço pra não dar vexame perante a comunidade da escalada que enchia o local. A hora em que eu pus o pé do lado de fora e olhei ao redor, a cabeça ficou boa e corpo animado: estava começando o grande recreio. Nos 3 dias em que estivemos no andar de cima, a gente se divertiu muito, viu coisas lindas, fez força e se cansou. Eu fui submetida a um dia de treinamento de habilidades mínimas: andar, subir degraus e escalada de baixa dificuldade. Demorou um pouco para que eu entendesse o conceito de agarra com crampons nos pés, mas ao final desse treinamento, fui aprovada no nível elementar ao completar a Aresta du Cosmique alegremente. Tivemos um dia incrível de escalada em rocha na via Rebuffat e um dia de caminhada até Mont Banc du Tacul. Essas histórias estão bem contadas e fotografadas no site do Eliseu. Há vários livros guias de falésias, escaladas em rocha, outros só de fendas ou gelo que podem ser encontrados nas livrarias locais. Os amigos Lisete Florenzano, Davi Marski, Pedro Mestriner, Fernanda Veloso e Nelson Barretta nos auxiliaram dando dicas, já que conhecem muito bem o lugar. Alternamos assim, dias no térreo, no primeiro andar e na cobertura. O último teleférico a cada tarde para Chamonix parte perto de 17h. No final de cada dia, pegamos o bondinho e voltamos pra casa, tomar nosso vinho. Vida de patrão.



## halfdome

Al. dos Nhambiquaras, 946 - Moema  
04090 000 - São Paulo - SP  
11 5052-8082 - [www.halfdome.com.br](http://www.halfdome.com.br)



[www.deuter.com.br](http://www.deuter.com.br)

**d**  
deuter

# Se equilibrando pelo Brasil

Texto: Caio Salomão



A escalada entrou na minha vida em 2006, desde então fiquei fascinado por este universo que se expandiu em 2007 após o meu primeiro contato com o slackline em um Festival de Escalada no Espírito Santo. Somente em 2010 pude entrar de cabeça e me iniciar no Highline que é a modalidade praticada nas alturas, desde então venho acompanhando o desenvolvimento desta modalidade através do crescimento no número de praticantes e de novas linhas sendo abertas pelo país.

Nesses anos de experiência no highline um dos fatos que mais me motiva hoje é a busca pelas linhas clássicas do Brasil, não me pegando a distâncias ou alturas e sim observando a linha que se mostra mais bonita, exposta, diferente e intensa. Há uma grande necessidade de se ter a escalada como um aliado no highline, pois para se ter acesso a alguns highlines é essencial o uso de técnicas verticais, portanto as linhas nas montanhas são as mais desafiantes e intimidadoras por exigir várias habilidades do praticante. Essa parceria escalada e highline vai mais além ainda no Sudeste, em que montanhas muito importantes para a comunidade da escalada é também muito apreciadas pelo público do highline como a Pedra da Gávea – RJ, Pedra do Baú – SP, Cachoeira do Tabuleiro – MG e os 5 Pontões – ES, são nessas montanhas/cachoeira que se encontram as linhas de highline mais clássicas do Sudeste brasileiro.

Sou um escalador muito ativo e eclético gosto tanto de boulder quanto das montanhas, mas nos últimos 2 anos venho me dedicando mais as grandes escaladas com dois grandes amigos o Roney Celin “DuNada” e o Naoki Arima, foi com eles que aprendi quase tudo que sei e principalmente onde peguei o gosto por explorar novas áreas em busca de novos picos para a escalada e highline. Com este objetivo de explorar novas áreas que no ano passado eu e o também escalador e highliner Gustavo Fontes nos unimos e lançamos o projeto HighVibe onde realizamos 18 edições até o momento, em vários estados brasileiros contribuindo com 25 novos highlines abertos para a comunidade usufruir.

Mais recentemente ainda no mês de Setembro pude concretizar um sonho muito antigo, que era de explorar a Caatinga e conhecer de perto o modo de vida das pessoas locais, uma região pouco valorizada por causa do clima mas que possui uma história e cultura tão rica quanto o potencial para a prática da escalada e highline. O primeiro ponto de parada dessa trip dos sonhos foi na cidade de Paulo Afonso – BA, da última vez que estive por lá, foi realizando um projeto HighVibe onde fizemos highline e o grupo F.A.S.T (Rodrigo Almeida, Gabriel Lott e Fernando Brito) saltava de base jump da Ponte Dom Pedro II que liga os Estados da Bahia e Alagoas sobre o rio São Francisco, retornar a este monumento metálico e repetir o highline foi bem gratificante principalmente por compartilhar isso com outros amigos que estavam vivenciando essa travessia pela primeira vez o Reginaldo Gomes e Bruno Nunes, além dos locais que nos deram uma grande ajuda Jarbas Rodrigues e Alisson Guedes.

Saindo de Paulo Afonso seguimos para o Canion do Talhado próximo a cidade de Delmiro Gouveia em Alagoas e lá me dei conta de como é bom valorizar o potencial que temos no nosso país, os cânions banhados pelo Velho Chico que antes via por fotos ou

vídeos dos famosos Psicoblocs era realmente tudo isso e mais um pouco. A ideia dessa vez era armar o 1º Spaceline (3 ou mais highlines distintos ligados em um ponto central do abismo) do Brasil, já vinha sonhando com este projeto a muito tempo e nada mais épico do que realizar isso num local tão clássico como o Talhado. Após avaliar os dois lados do canion e ter certeza de que daria certo, tiramos uma pausa pois o sol neste momento já estava nos castigando e então fomos com a ajuda do pessoal do Ximbra que trabalha no catamarã experimentar o clássico psicobloc da região naquele lindo arenito vermelho. Mesmo descalço deu para escalar bastante e sentir a adrenalina que bate na hora de cair ou se jogar após chegar ao topo da via, que emoção vivenciar este estilo de escalada no Brasil. Após algumas horas de muita diversão, voltamos ao trabalho e finalizamos as ancoragens nos dois lados para retornar no outro dia e começar o processo para armar o spaceline. Já escuro chegamos ao nosso abrigo o Mirante do Talhado e tivemos a grata surpresa de conhecer duas pessoas incríveis Seu Zé Francisco e Dona Inácia os residentes deste lugar fantástico que já de início nos receberam de uma forma tão calorosa e amiga, poucas horas de conversa e como bons ouvintes fomos absorvendo deste senhor de 75 anos muito conhecimento da sua sabedoria vivida e ficava ali registrado que ele seria o primeiro a fazer a travessia no spaceline. Na manhã seguinte partimos sob a benção desse casal especial e após um rápido briefing armamos o 1º Spaceline do Brasil no Canion do Talhado em Alagoas, como prometido Seu Zé Francisco foi o primeiro a fazer a travessia, colocamos a cadeirinha nele e como na tirolesa ele foi deslizando até o centro e agradecendo esta oportunidade de viver e sentir esta grande emoção em sua vida. Depois foi a nossa vez de usufruir e compartilhar com todos os amigos ali presentes esta sensação diferente de se equilibrar no spaceline.

A despedida é sempre um momento difícil, principalmente quando temos que nos afastar de pessoas tão importantes para nós sem saber quando teremos a oportunidade de nos ver novamente, assim com a tristeza de partir e a felicidade de ter feito uma amizade verdadeira rumamos de volta a Paulo Afonso.

Um dia de descanso foi o bastante para recuperar a energia e ir conhecer mais intensamente a Caatinga, rumamos com o nosso guia local Nikolas o kalango do sertão para o Raso da Catarina uma região pertencente a tribo Pankararé, eles ficaram tão curiosos com o que iríamos fazer lá que resolveram nos acompanhar, apesar da rocha ser um arenito mais frágil o local que vinha sonhando por fotos foi perfeito para o highline e utilizando fitas longas abraçamos os blocos de rocha e esticamos o highline, mas o momento mais épico desse dia estava por vir, a travessia do highline foi incrível todos gostaram muito mas o mais interessante mesmo foi sentir a chuva

que despencou regando aquela terra tão castigada pelo sol e assim nos despedimos de mais uma missão bem sucedida pelo sertão. Finalmente o último e tão aguardado momento de ir para o Piauí, este sim era o meu grande sonho, conhecer pessoalmente a riqueza histórica que existe na região próxima a cidade de São Raimundo Nonato – PI, existe ali o Parque Nacional da Serra da Capivara um complexo de cânions com rochas sedimentares e areníticas quilométricas abrigando a maior concentração de sítios arqueológicos da América, na visita pelo parque guiada pelo condutor Nestor pude concretizar meu sonho ao chegar no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada, onde foram feitas as primeiras escavações e as datações que atestam a presença do homem pré-histórico nessa região desde 100.000 anos. Uma história que vem sendo descoberta e estudada pela pioneira arqueóloga Niède Guidon desde 1973.

Para finalizar essa trip dos sonhos da melhor maneira possível tinha que fazer algum highline na região e graças a ajuda do guia Rafael Martins e do Giordanno da Receptivo Selva Branca fui apresentado ao cânion Canoas da Serra Vermelha que se encontra fora da área do Parque Nacional da Serra da Capivara, fiquei deslumbrado com o potencial daquela área é simplesmente o melhor local no Brasil para a prática do highline, devido as ancoragens serem naturais necessário apenas abraçar os blocos de rocha, facilidade de acesso apenas 30Km

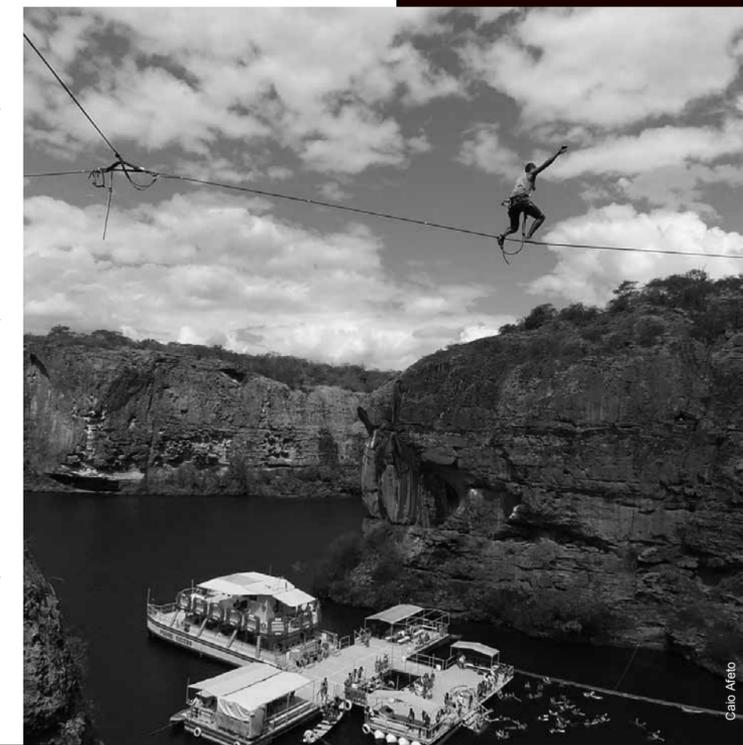
da cidade de São Raimundo Nonato e 5min de caminhada de onde se deixa o carro, por possuir uma beleza natural inigualável e por oferecer uma concentração enorme de possibilidades de linhas de highline, acabei abrindo 4 highlines nesta área e outro tão especial quanto nas rochas calcárias próximas ao Sítio do Mocó que fica na entrada do Parque.

## Amigos

Em quase 1 mês de viagem pela Caatinga aprendi muito e contei com a ajuda de muitos amigos, sozinho não teria realizado metade de todos os objetivos que almejava então deixo aqui meus sinceros agradecimentos a muitos amigos que tive o prazer de conviver nesses dias tão especiais em minha vida: Reginaldo Gomes, Bruno Nunes, Jarbas Rodrigues, Andréa Cordeiro, Alisson Guedes, Gorette Guedes, Nikolas Guedes, Ana Paula, Seu Zé Francisco, Dona Inácia, Adalberto, Janaína, Max, Dona Nena, Seu Adelmo, Jackson, Ranielly, Rafael Martins, Giordanno, Lucas, Nestor, Ary, Joaquim Neto, Plínio, Wanderson, Nilfrank, Juracy e Gabriel. Além das empresas que me apoiaram: Furnas, HippyTree Brasil, Landcruising Slacklines, Instacube.

Muito Obrigado ao Mountain Voices pela oportunidade de compartilhar com a comunidade das montanhas a minha realização pessoal em contribuir com o desenvolvimento do highline no Brasil.

Jarbas Rodrigues no Canion do Talhado - AL.



# Rapel

Transpondo nós em cordas danificadas

Texto + Imagens Davi Marski



Travessia de nó durante o rapel  
Fazer um rapel é a coisa mais trivial do mundo, certamente ninguém tem dificuldades com isso, correto ?

**Agora imagine o seguinte cenário:** Você está escalando tranquilamente com o seu parceiro, vocês chegam em uma das paradas da via, e enquanto estão conversando ali, inadvertidamente seu colega deruba uma pedra do platô no qual vocês se encontram... E essa pedra durante a queda acerta de forma violenta a corda de escalada de vocês, rompendo a capa e expondo a alma da corda... (Imagem 1)  
Ou então você está guiando um lance qualquer, uma agarra qualquer quebra e você

sofre uma queda inesperada... logo após a queda, você já cansado e com o susto que acabou de tomar, pede que o seu parceiro te baixe até a última proteção, para você poder se prender com o seu auto-seguro e descansar um pouco... entretanto durante essa descida a corda entra em atrito com um cristal de quartzo e ela rasga profundamente, rompendo a capa e expondo a alma da corda... Claro que a escalada acabou nesse momento... resta apenas preparar o rapel e descer... mas e agora ? é seguro descer de rapel usando uma corda dessas ? Claro que não !

Após os dois escaladores estarem em segurança na parada, o primeiro passo é isolar esse segmento danificado da corda, isso é fácil de ser feito e basta dar um nó "borboleta alpina" no trecho danificado.

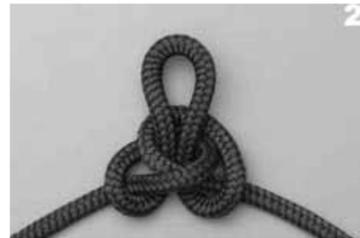
E agora surge então um novo problema! Agora tem um nó na corda! E será necessário passar por esse nó durante o rapel! Vamos ver nesse breve artigo como fazer isso com segurança.

Você precisa de pouco material... você como um escalador prevenido certamente já terá todo o material preso em seu rack (e o seu parceiro também):

- um cordelete de 4 ou 5mm, fechado em anel, com cerca de uns 40 ou 50cm de comprimento ou algum material equivalente (uma fita de 60 ou 90cm, por exemplo).
- outro cordelete fechado em anel, com cerca de 1,20m (ou algo equivalente).
- E uns dois mosquetões, preferencialmente com trava.

**Os passos são os seguintes:**  
Isole o trecho danificado da corda usando o nó "borboleta alpina". Se você não sabe como fazê-lo, tem um excelente tutorial em: <http://www.animatedknots.com/alpinebutterfly/>

Eu recomendo que o isolamento do trecho danificado da corda seja feito antes de iniciar-se o rapel.  
Se eventualmente houver o risco da corda enroscar em algum lugar devido ao nó, inicie a descida levando o restante da corda com você, evitando esse problema. (Imagem 2)



O pior cenário é deixar para dar o nó "borboleta alpina" já durante o rapel, quando chegar próximo ao trecho danificado da corda... Com a mesma preocupação, evite deixar a alça do "borboleta alpina" muito saliente, para que não enrosque na hora de recolher a corda.

**Dica super importante:**  
Lembre-se de sinalizar/marcar qual o lado da corda será puxado, evitando que o nó fique preso na parada... isso pode ser feito dando um nó extra na ponta dessa corda... Monte o seu freio descensor (seja ele um ATC, oito, placa gigi, etc.), e abaixo dele, monte o seu nó autoblocante que será utilizado como backup para o rapel  
Inicie o rapel.  
Quando você estiver a cerca de 50cm (por exemplo) do nó "borboleta alpina", interrompa a descida, deixando que o seu backup entre em ação, bloqueando assim o rapel. (Imagem 3).



Com o cordelete de aproximadamente 40 ou 50cm, dê um nó autoblocante acima do seu freio e prenda-o ao seu "loop" da cadeirinha usando um mosquetão preferencialmente com trava.  
Movimente o corpo do nó autoblocante o máximo possível para cima, de forma a deixar o cordelete esticado.  
Continue o rapel, de forma que o seu peso seja totalmente transferido do seu freio para o cordelete. (imagem 4)

A aproximadamente 1m abaixo do nó "borboleta alpina" dê um nó "oito" ou "azelha" com os dois pedaços de corda.  
Na alça formada pelo nó, passe um mosquetão (com trava) e prenda-o ao seu loop, não esquecendo de fechar a trava do mosquetão. Nesse momento, você já terá uma segurança "extra" para a próxima etapa.  
Dica: se você tiver um mosquetão (com trava) sobrando, considere usar dois mosquetões



paralelos, com as travas opostas, para fazer essa união... é um pouco a mais de trabalho mas aumenta a sua segurança caso aconteça alguma coisa com os cordeletes nas próximas etapas. (Imagem 5)  
Como o seu peso já está totalmente no cordelete acima do freio, e como você já está preso por um mosquetão com trava à corda abaixo do nó borboleta alpina, então você pode agora retirar o freio descensor e seu respectivo backup.

Coloque o freio descensor abaixo do nó "borboleta alpina" e refaça o nó autoblocante do backup.

**Atenção:** Verifique novamente todo o sistema



tema e tenha certeza que está tudo correto! (imagem 6)

Com um segundo cordelete, dessa vez um cordelete um pouco maior (cerca de 1,00 ou 1,20m), dê com um nó autoblocante na corda de escalada, em uma posição qualquer abaixo do cordelete no qual você está pendurado. Use a alça formada por este segundo cordelete para funcionar como um "pedal" e assim retirar o peso do primeiro cordelete, e então movimente o nó autoblocante do primeiro cordelete para baixo.



Esse processo provavelmente precisará ser repetido uma ou duas vezes.  
Faça o processo quantas vezes for necessário até que você finalmente consiga transferir todo o peso do seu corpo para o freio descensor.

Quando o seu peso chegar ao freio descensor, deixe o nó autoblocante do backup entrar em ação, bloqueando a sua descida. Nesse momento você já terá transposto o nó "borboleta alpina".  
Agora você pode se desconectar do cordelete que está acima do nó e remover os dois cordeletes.

Finalmente, remova o mosquetão que une você à corda mais abaixo e desfaça o nó utilizado (oito ou azelha)  
Pronto ! Continue o rapel normalmente !  
Com um pouco de prática, é possível fazer esse procedimento em menos de 3 minutos, com calma e tranquilidade.

**Atenção:** Não espere uma situação real acontecer para você tentar se lembrar desse artigo.  
Treine esse técnica (e os nós utilizados) em um ambiente controlado e seguro, até se sentir com total confiança para uma aplicação real.  
Lembre-se que sua segurança é sua responsabilidade.

Para finalizar, fiz um vídeo com todos esses passos no qual tentei ser o mais didático possível, ele pode ser visto pelos links:  
•<https://www.youtube.com/watch?v=LFYtlioKo>  
•<http://tinyurl.com/travessia-no-rape>  
Escale seguro e boas escaladas !

Próximo a entrada da parte alta do Parque Nacional do Itatiaia. Em frente a pedra do Picu, a vinte minutos do BPO e outros points de escalada e montanhismo. Quartos de casal e coletivo. Área de convivência com lajeira. A sua casa na montanha!

Hostel  
**Picus**.com.br

Abrigo de Montanha  
(35) 9119.9153  
Itamonte - MG

RESSOLE SUA SAPATILHA NA

**SOS sapatilha**

- 15 anos de experiência no mercado
- Grade de formas novas, desenvolvidas especialmente para sapatilhas
- O menor prazo de entrega do mercado
- Ressolamos com XS Grip Vibram
- Pronta para sua cadena

ACEITAMOS SERVIÇOS DO BRASIL E EXTERIOR

Mais informações  
[www.bele.com.br](http://www.bele.com.br) ou  
ligue para 11 82446672

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

**NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA**

Ambiente descontraído  
Assistência personalizada  
Suporte técnico  
As melhores marcas

Black Diamond, PETZL, edelweiss, CAMP, LA SPORTIVA, CLIMB, BONIER, CURTIS, deuter, THE NORTH FACE

e-commerce: [www.bivak.com.br](http://www.bivak.com.br)  
11 2308 6995  
Rua Caramuru, 523  
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

# Ilhas Galápagos

Texto: Alberto Ortenblad



## O Arquipélago

O Arquipélago de Galápagos é um ambiente de vida selvagem que abriga um parque nacional. Pertence ao Equador, de cuja costa dista mil km. É composto por 13 ilhas e uma centena de rochedos e ilhotas. O Parque foi criado em 1959 com cerca de 80 mil km<sup>2</sup> e, em 1998, a reserva marinha que o envolve foi ampliada para 138 mil km<sup>2</sup> – algo como um círculo de 200 km de raio.

Destas ilhas já se disse: Extravagantes, diabólicas, selvagens, mas ainda assim belas, estas ilhas mudaram a ideia que tínhamos sobre nós mesmos e sobre a vida na terra. Consideradas inicialmente como uma terra maldita, foram necessários vários anos para que sua importância evolucionária fosse reconhecida.

Plantas e animais pioneiros lutavam para sobreviver, e ao fazê-lo de forma tão gradual, pavimentaram enfim o caminho para a chegada dos colonizadores humanos.

É curioso como todas as ilhas são batizadas com três nomes: as antigas denominações espanholas, os termos ingleses do tempo de Darwin e os atuais nomes oficiais. Por exemplo, Fernandina e Isabela – cujos nomes são uma homenagem a reis espanhóis – são também Narborough e Albermale; Floreana, que celebra o Presidente Flores, é ainda conhecida como Charles; San Cristóbal e Santa Cruz têm como outros nomes Chatham e Indefatigable (ver adiante).

## A Origem

A origem do arquipélago é vulcânica, por estar situado sob uma linha de falhas geológicas (hot spots), por onde escapa o calor, criando inicialmente um vulcão submarino. Este cresce sob o mar, até formar uma ilha na superfície. As ilhas estão situadas sobre a Placa de Nazca e deveriam ter uma orien-

tação linear no rumo sudeste, não fosse a influência de outra placa local que as fez girar entre si. Na realidade, o arquipélago não é uma sucessão de ilhas separadas e sim uma enorme plataforma submersa que abarca toda a sua extensão marinha. Surgem dela formações verticais emersas, que são suas muitas ilhas. Esta plataforma tem o poder de desviar as correntes marinhas que confluem na região.

Os vulcões podem unir-se, gerando ilhas maiores, como Santa Isabel, formada por seis deles. Muitas das ilhas são constituídas simplesmente por um cone vulcânico rodeado por planícies arenosas ou rochosas. Alguns dos vulcões são ainda ativos, em especial o da Ilha Fernandina, que expele lava, não apenas fumaça. As maiores altitudes dos vulcões podem chegar a 1.700m, com uma topografia acidentada que criou condições para ecossistemas diferenciados, favorecendo a evolução de uma variedade de criaturas únicas no mundo. Desertos desoladores, mangues e pântanos, pequenas praias e costões rochosos, savanas retorcidas, campos de gramíneas, bosques de cactos e até densas florestas podem se suceder numa mesma ilha ou entre ilhas próximas.

## A História

O arquipélago foi descoberto no século XVI, quando o navio que levava ao Peru o Bispo do Panamá se desviou da rota. Passou por Galápagos no século XVIII o marinheiro que inspirou o personagem Robinson Crusoe (ver depois). Seu primeiro morador permanente foi um irlandês, que lá viveu no século seguinte. Antigamente, as ilhas eram alvo de temores e superstições e chamadas de Las Encantadas. Abordado por piratas, exploradores e baleeiros, teve em Darwin seu mais famoso visitante, exatos 300 anos após

sua descoberta. No mês em que lá passou, surpreendeu-se com o aspecto único da fauna local, que lhe sugeriu as ideias para sua teoria da evolução das espécies, publicada 25 anos depois. Esta é a última frase do seu livro, que sempre me impressionou por sua elegância: Enquanto nosso planeta, obedecendo à lei fixa da gravitação, continua a girar na sua órbita, uma quantidade infinita de belas e admiráveis formas, originadas de um começo tão simples, não cessou de se desenvolver e desenvolve-se ainda.

## A Fauna

A distância de Galápagos de qualquer outra terra firme, mais as fortes correntes oceânicas em seu redor e os ventos que sopram entre as várias ilhas, isolaram o arquipélago em conjunto e cada ilha individualmente, tornando-as laboratórios vivos da evolução das espécies.

A fauna de Galápagos mostra um comportamento curioso, não se assustando com a aproximação humana. Durante quase toda sua história, viveu distante do homem, pois o arquipélago só começou a se povoar a partir dos anos 1970. Mas, nesta época, já havia o cuidado com a preservação, que impediu a agressão aos animais.

Ela é única mas, diferentemente de todas descrições que li, não é rica, a não ser sob o oceano. Considere que é escassa em mamíferos, pois estes não puderam suplantar sem água ou alimento a enorme distância da costa. Destes, só existem seis espécies, todas naturalmente aquáticas: duas de lobos marinhos e de baleias, os golfinhos e as focas. O endemismo é provavelmente de 15%. Também os répteis de que Galápagos é considerado tão rico são poucos: apenas iguanas e lagartixas, cobras e lagartos. E, naturalmente, as tartarugas gigantes que deram o nome ao arquipélago. O aspecto

Nascidas do fogo e sujeitas a um sol inclemente, formadas por terras estereis e habitadas por seres estranhos, eloquentes testemunhos da evolução da vida, temidas e amaldiçoadas durante sua história, estas ilhas tão isoladas no mar frio e distante constituem Galápagos, o mais preservado arquipélago do planeta.

interessante é que as espécies em cada ilha são endêmicas, pois evoluíram em ambientes isolados, dado que as distâncias entre elas - de 35 km na média entre pares de ilhas vizinhas - não permitiram cruzamentos. Aqui o endemismo é muito alto, da ordem de 90%. Este não é naturalmente o caso das aves, cuja autonomia é muito maior. A diversidade é relativamente alta, com 50 espécies, e o endemismo é menor entre as gaivotas, fragatas, piqueiros, pinguins e albatrozes – cerca de 55%. É importante lembrar a presença dos tentilhões ou finches, cuja grande diferenciação foi muito estudada (ver adiante).

Existem quatro correntes marinhas que convergem no arquipélago, tanto quentes como frias - as mais importantes são a Corrente Humboldt, a mais fria do mundo, e a cálida Corrente Panamá. Num certo sentido, Galápagos é ao mesmo tempo polar e tropical, abrigando tanto pinguins e focas como flamingos e pelicanos.

Isto contribui com uma grande variedade de peixes, espetacularmente visíveis sob as águas límpidas e frias do Pacífico. Habitam Galápagos cerca de 500 espécies de peixes, crustáceos, moluscos e equinodermos, sob um moderado endemismo de 20 a 25%.

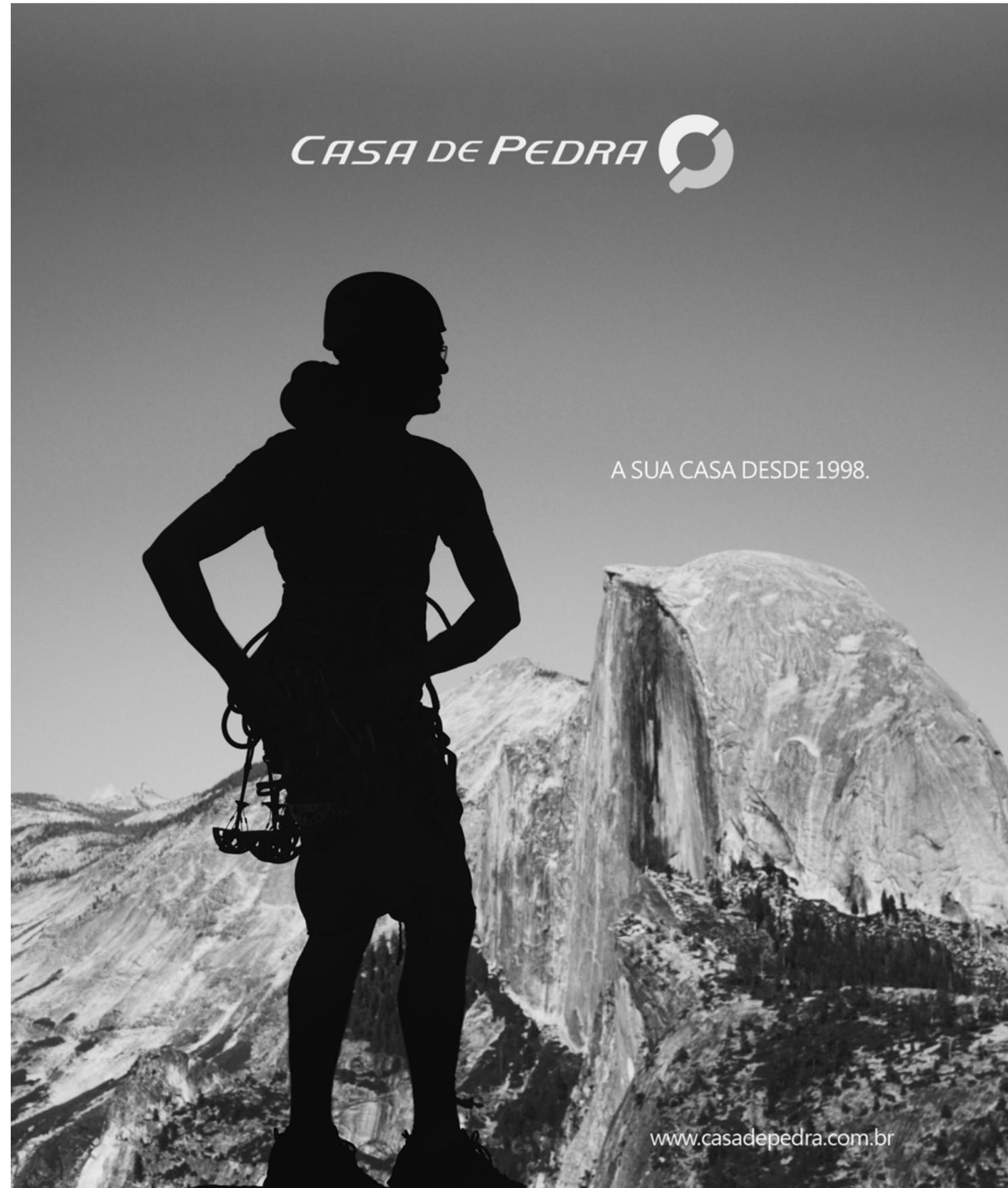
## A Flora

Como acontece com o Pantanal, acredito que a vida vegetal de Galápagos não tenha merecido a mesma atenção que a animal, embora seja variada e expressiva. A vegetação por assim dizer aparece em cima, pois se estende e diversifica pelos terrenos mais elevados. A fauna ocorre em baixo, perto do litoral: você não verá fragatas ou iguanas longe da praia e mesmo as tartarugas terrestres só habitam as terras baixas. O alimento da vida animal não está na vegetação e sim no mar.

A flora de Galápagos tende a ser pioneira,

CASA DE PEDRA

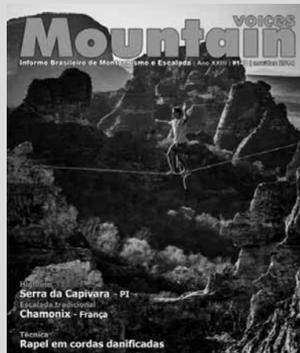
A SUA CASA DESDE 1998.





## Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

**Mountain Voices** é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes. Editor: Eliseu Frechou Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000. E-mail: contato@montanhismos.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Caio Salomão, em uma das highlines da Serra da Capivara, no Piauí. Imagem: Joaquim Neto

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/12/2014.

Nome.....  
Endereço.....  
Cidade..... Estado.....  
CEP..... Telefone.(.....)  
E-mail.....  
Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....  
Já participou de: ( ) Campeonato ( ) Encontro ( ) Palestra  
Que modalidade pratica com mais assiduidade: ( ) Caminhada  
( ) Escalada tradicional ( ) Escalada esportiva ( ) Boulder

- ( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00
- ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00
- ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00
- ( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00

140

Total .....00

## Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site [www.mountainvoices.com.br](http://www.mountainvoices.com.br)

### LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2  
Baú e Região



LOBOTOMIA 3  
De PE ao RS

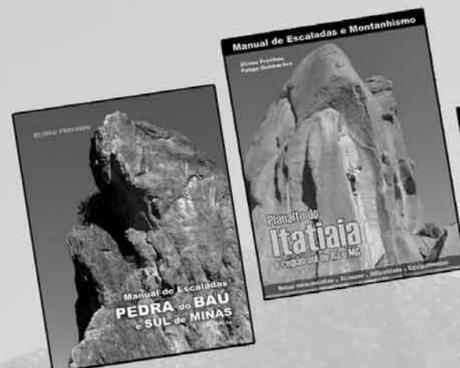


DÍAS DE TEMPESTADE  
mp4 e wmv

### Manuais de Escalada e Montanhismo

## Pedra do Baú Itatiaia Serra do Cipó

- + Rotas selecionadas
- + Acessos
- + Dificuldades
- + Croquis detalhados
- + Fotos ilustrativas
- + Sugestão de equipamentos
- + Formato de bolso



# RESISTE!

## E você, resiste? Equinox, produtos irresistíveis!



[www.equinox.com.br](http://www.equinox.com.br)

**EQUINOX**

Desde 1989 preparando montanhistas para grandes desafios.

**MONTANHISMUS**  
Escola de Escalada  
Telefax: (12) 3971.1470  
São Bento do Sapucaí - SP  
[www.montanhismus.com.br](http://www.montanhismus.com.br)

PROTEÇÃO UV E TRATAMENTO BACTERIOSTÁTICO

CONQUISTA

TECIDO PET DRY  
EXTREME COOL  
FPS > 50 • EVITA A FORMAÇÃO DE ODOR • PODE SER USADA VÁRIOS DIAS SEGUIDOS, SEM LAVAR.

MASCULINA  
FEMININA  
MANGA CURTA  
MANGA LONGA

[www.conquistamontanhismo.com.br](http://www.conquistamontanhismo.com.br) | [facebook.com/conquistamontanhismo1990](https://facebook.com/conquistamontanhismo1990)

# DRY SHIELD



ELEITA PELO GUIA DE EQUIPAMENTOS GO OUTSIDE A MELHOR BOTA TREKKING NA CATEGORIA CUSTO BENEFÍCIO

PRODUZIDA SEM MATERIAIS DE ORIGEM ANIMAL.

CONFORTÁVEL, 100% IMPERMEÁVEL, MALEÁVEL E SEGURA.

NOVA TECNOLOGIA, DESENVOLVIDA EXCLUSIVAMENTE PARA O MELHOR DESEMPENHO NOS MAIORES DESAFIOS.



FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS

CONCORRA A UMA

# BIKE SNAKE



BASTA CADASTRAR O CÓDIGO QUE ESTÁ JUNTO COM SUA DRY SHIELD NO SITE SNAKE.COM.BR E PARTICIPAR